

# **Grafar o espaço: experiências e narrativas de uma professora-ouvinte e lugares geopsíquicos**

*Juliana Maddalena Trifilio Dias<sup>1</sup>*

**04**

**Resumo:** As imagens produzem efeitos em cada um de nós e esse trabalho nasceu com e partir de efeitos. Despretensiosamente vi um post em uma rede social divulgando uma disciplina concentrada “Imagens, Geografias e Educação”, organizada e ministrada por vários docentes que integram a Rede Internacional de Imagens, Geografias e Educação. Logo me interessei em participar e este é o ponto de onde posso começar a narrar o que ocorreu na disciplina de Estágio Supervisionado na licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Já começo destacando que algo que experimentei em uma disciplina como ouvinte, me atravessou e me moveu a uma proposta de trabalho como docente. Então, estamos em dois planos narrativos que se entrecruzam. Um sobre como nasceu uma proposta de atividade para graduação em Geografia e outro que narra o que os alunos produziram e seus efeitos na turma de estagiários por meio do trabalho com o conceito de lugar geopsíquico.

**Palavras-chave:** lugar geopsíquico; professora-ouvinte; imagens; estágio;

## INTRODUÇÃO

As imagens produzem efeitos em cada um de nós e esse trabalho nasceu com e partir de efeitos. Despretensiosamente vi um post em uma rede social divulgando uma disciplina concentrada “Imagens, Geografias e Educação”, organizada e ministrada por vários docentes que integram a Rede Internacional de Imagens, Geografias e Educação. Logo me interessei em participar e este é o ponto de onde posso começar a narrar o que ocorreu na disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia na Universidade Federal de Juiz de Fora. Já destaco que algo que experimentei em uma disciplina como ouvinte, me atravessou e me moveu a uma proposta de trabalho como docente. Então, estamos em dois planos narrativos que se entrecruzam. Um sobre como nasceu uma proposta de atividade para graduação em Geografia e outro que narra o que os alunos produziram e seus efeitos na turma.

A disciplina concentrada “Imagens, Geografias e Educação” teve seu início com o destaque de três importantes campos de atuação da Rede: das imagens, do espaço e da educação. Naquela apresentação, algumas palavras ou expressões ecoaram em mim, como por exemplo, **desacostumar os sentidos e significados, promover e proliferar**. Durante as aulas, todas as participações dos professores e professoras caminharam nessa perspectiva e, em mim, sentia uma força que me impulsionava ao movimento.

Para Freud (2011 [1920-1923]), em cada movimento que realizamos, há um investimento libidinal em direção a um objeto que nos causa e nos move. Esse investimento por algo que nos toma, pode nos impulsionar ao movimento, inclusive à criação.

---

1. Doutora em Geografia pela Unicamp. Professora da área de Ensino de Geografia na Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação PPGE/UFJF. [juliana.maddalena@ufff.edu.br](mailto:juliana.maddalena@ufff.edu.br)

Essa força não se manifestava claramente durante as aulas que assistia e ouvia, mas era sentida internamente. Não se tratava de aprender a fazer, mas sim, experimentar aquilo que cada atividade nos provocava. Para este texto, escolho os efeitos produzidos a partir de um mapa presente na disciplina concentrada. Era um planisfério, mas não um planisfério qualquer. Era um mapa do mundo sem um continente: a África.

Se havia destacado a expressão descostumar os sentidos, aquele foi um mapa que pela ausência se fez presente. A professora apresentou a atividade, mas me lembro que naquele momento parecia não ouvir, apenas olhava para o mapa e uma sequência de perguntas foram mentalmente sendo elaboradas num fluxo de movimento. Percebi que aquele fluxo não era para se transformar em uma pergunta dirigida à professora, mas se tratava de fazer valer a posição em que estava na disciplina: uma professora-ouvinte.

Com frequência professores dizem “sou professor e gosto de falar”, mas o que tenho grifado é possibilidade de escuta docente. O termo professora-ouvinte nos permite refletir sobre essa posição em dois aspectos que se entrecruzam. O primeiro de uma professora que decide cursar uma disciplina concentrada como ouvinte. Apesar do termo indicar que não há matrícula, uma pergunta se coloca: o que é ser ouvinte? O que uma escuta pode movimentar? A não obrigatoriedade da matrícula destaca outro modo de vinculação ao trabalho, que pôde ocorrer pelo interesse e movimento interno e libidinal pelo saber. Como se estivéssemos invertendo a ordem da escrita para ouvinte-professora. Aquela experiência vivida como aluna não matriculada se alinhou à condição de ouvinte que se transbordou na docência. Então, a segunda possibilidade se entrecruza: a professora-ouvinte ministrando disciplinas. Com essa continuidade do vivido na disciplina concentrada para a disciplina de Estágio, outras perguntas se apresentam: qual o lugar da escuta em sala de aula? Qual deslocamento possível entre “sou professora e gosto de falar” para professora-ouvinte?

Aquela foi uma possibilidade que me colocou em condição de me ouvir diante da experiência da disciplina e ao mesmo tempo me movia como professora. Em um instante, uma vontade pude identificar: queria que meus alunos pudessem experimentar algo que se alinhasse ao “descostumar os sentidos e significados, promover e proliferar”.

Depois de alguns dias, encontrei e editei o mapa que pude experienciar na disciplina, retirei o título e o apresentei em sala no dia em que o tema da aula era grafar o espaço. Não houve qualquer explicação que antecedesse a atividade. A proposta era se submeter à imagem em sua abertura daquilo que poderia emergir. A ideia não era mostrar, mas evocar e deixar proliferar sentidos.

Os alunos observaram e começaram a falar livremente sobre o mapa, inclusive dizendo que parecia um “xerox malfeito porque não dá para enxergar”. Até que algum tempo depois uma aluna escreve no chat “a África está sumida”. Então, vários alunos começam a falar ao mesmo tempo sobre o espanto de não terem visto que a África não estava no mapa e passaram a alterar os posicionamentos de seus computadores e celulares para verem algo que ainda não tinham visto.

Quando a primeira aluna não viu a África, os outros que já haviam visto a África em um

mapa em que ela não estava, começaram a viver o desconforto de um lugar naturalizado que, por algum motivo, não estava mais diante de nossos olhos. A forma como sorriam, a intensidade das falas, a participação simultânea com os microfones abertos, indicavam que algo havia acontecido. E para o primeiro momento era isso. Era viver esse algo ainda não nomeável que havia surpreendido a cada um de nós.

Quando retornei com o título, o desconforto continuou. Um aluno chegou a dizer “estou até mal por não ter visto” e foi elaborando seu impacto e construindo outra narrativa a partir daquela experiência, enquanto outros também puderam dizer sobre o que é não ver num tempo em que frequentemente nos perguntam: “você viu o que aconteceu?” As falas indicavam uma mistura de “se tivéssemos lido o título, teríamos visto a ausência da África” e “ahh que bom que não teve o título e a gente pode ver diferente”. De um ponto ao outro nesse arco de participações, o que existia era um desencontro, um desencaixe e um desconforto, no mínimo, entre ver e não ver. Aquela experiência se tivesse sido encerrada durante a aula já teria sido riquíssima, mas optamos por continuar.

Na sequência, naveguei com a turma pelas obras de Yanagi Yukinori com sua arte em bandeiras, formigas e deslocamentos e fiz a proposta de atividade para as próximas aulas. Com inspiração nessa experiência vivida na aula, nas obras de Yanagi e no texto “Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores” do professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (2009), propus que, em grupo, pudessem grafar espaços em imagens. Esse texto inspirou nosso trabalho e o título desse artigo.

As apresentações aconteceram durante cinco semanas e adianto que a postura criativa e criadora diante daquilo que poderia ser o mesmo, foi algo que esteve presente em todos os dias. Os grupos tiveram autonomia para escolher focos de luz e sombra nos elementos que compuseram a proposta, como o artigo, o mapa a exposição e a experiência do estágio. Os trabalhos revelaram amadurecimento das experiências vividas no decorrer da graduação e provocavam envolvimento entre os grupos. As apresentações tinham um cuidado com a experiência estética alinhado ao que propunham teórico e metodologicamente.

Quando uma aluna disse “esse trabalho deu trabalho. E não é pelo volume, professora, porque no final era uma única foto. Mas conversamos muitas vezes até escolhermos uma imagem”, era uma pista de uma elaboração subjetiva que foi vivida com o desenvolvimento de um trabalho acadêmico. Certa vez ouvi que a palavra trabalho estava ligada, em latim, ao *tripalium* – instrumento de tortura, mas que também poderia se ligar ao termo *poiesis* e me lembrei disso durante a aula. Como uma mesma função a ser exercida no trabalho pode gerar e revelar diferentes modos de como o trabalho se estabelece para cada um de nós? Ou como uma mesma tarefa pode ter tortura e poesia?

A turma se colocou em trabalho e nos apresentou seu fazer poético. Os trabalhos revelaram abertura neles mesmos e no modo como os encontros foram acontecendo durante as aulas. As imagens apresentadas pelos grupos nos permitiram participar de algo estranho.

As perspectivas de grafar o espaço nas imagens estavam ligadas ao termo freudiano (FREUD 2010[1919]) de estranho e familiar. A partir desse texto de Freud, o termo *unheimlich*, tem recebido traduções como estrangeiro, estranho, inquietante, desconfortável e outras derivações. Nosso ponto está na possível ambiguidade linguística também comumente explorada pelo termo *heimlich* traduzido como familiar. Dessa forma, esse encontro e desencontro entre o que se apresenta como estranho e familiar estiveram presentes nessa atividade em sua extensão.

Durante as apresentações experimentávamos algo que, num primeiro momento, não éramos capazes de explicar, mas que podíamos sentir. Estávamos com um olhar implicado, atravessado pelas imagens e seus efeitos. Estávamos experienciando, na perspectiva de Larrosa (2002), a possibilidade de algo que pudesse nos acontecer por meio, com, nas e através das imagens que grafavam o espaço.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Diferentemente de outros trabalhos do semestre, nesse não tínhamos um tempo específico por grupo. Em cada aula fomos experimentando a pausa, o acelerar e o devagar com cada tempo. Ora tínhamos muito a dizer e ora saboreávamos o silêncio como efeito de alguma apresentação. Então, vamos saborear a apresentação do grupo e o envolvimento da turma com o trabalho.

### **“SÃO PAULO É UM SÓ?”: encontros e desencontros com lugares**

“Como foi difícil esse trabalho!”. Foi assim que grupo 8 iniciou sua apresentação. O trabalho foi narrar o processo, os dilemas das escolhas, as tensões das seleções individuais e do grupo. Naquele momento o grupo apresentava o tempo de construção do trabalho e simultaneamente vivia o tempo de apresentação com a possibilidade de algo emergir da própria turma. Não havia um roteiro sobre o que perguntar e ouvir da turma. O que estava presente era a vontade de partilhar como foi difícil grafar o espaço em um mapa com imagens escolhidas pelo grupo junto com a intenção em ouvir o que a turma poderia dizer a partir dos efeitos das imagens em cada estudante.

O grupo optou por apresentar alguns estados brasileiros a partir do imaginário de seus integrantes. Então se perguntaram: “o que associamos ao estado de São Paulo e à Minas Gerais?”. A escolha pelos estados foi uma opção por trabalhar com os estados em que nasceram. Depois, individualmente listaram os elementos para depois compartilharem a lista e destacarem as palavras em comum. O grupo optou por deixar as imagens virem mentalmente para depois procurem

em bancos de imagens na internet. Quando os integrantes conversaram sobre suas palavras, puderam, por meio da palavra do colega, prestar atenção em elementos que não haviam considerado anteriormente.

O grupo destacou a força de alguns elementos que se fazem presentes e são associados aos estados, como por exemplo, pão de queijo em Minas Gerais. Ao mesmo tempo, se espantavam quando percebiam que não haviam se lembrado de elementos por muitos conhecidos, como, por exemplo, quando um aluno disse “como não me lembrei do Santos Dumont?!”

Após introdução, projetaram um mapa de Minas Gerais que elaboraram com o que nomearam colagens de imagens. Um ponto foi destacado ao se perguntarem: por que haviam colado imagens de Minas com mais cores e São Paulo com mais tons de cinza? E ao perceberem, relataram que precisaram forçar a presença de vegetação no mapa de São Paulo.

Essa dúvida em que o grupo se viu é importante para considerarmos que existe uma diferença e possíveis desencontros entre a experiência vivida, o registro psíquico da experiência, a lembrança da experiência e o narrar sobre o que foi vivido (DIAS, 2018). Se esse não-encontro ocorre em cada um de nós, em uma atividade coletiva isso também vai se evidenciando. Se antes as cores não estavam evidentes, ao formularem a questão as tonalidades passaram a ter destaque na observação, na fala e na busca por outras cores para serem inseridas no trabalho. Esse é um movimento muito interessante na elaboração e apresentação de um trabalho: a possibilidade de dizer sobre o processo, incluindo os desvios, os equívocos, as surpresas e não apenas considerar os acertos e o trabalho em sua finalização como completude.

Com as colagens feitas, passaram a conversar sobre como iriam propor a interação da turma com seus mapas. Havia uma preocupação em criar uma circunstância em que a turma pudesse se encontrar com mapas e pudesse se pôr a falar. O que é muito diferente de uma proposta em apresentar o trabalho que haviam feito em casa. O grupo sinalizava que outro trabalho estava por vir a partir do momento que cada estudante pudesse se encontrar com os mapas. Se o fio do texto é sobre experiências de ouvir, essa proposta do grupo deixava espaço em abertura para que algo pudesse ser dito.

O ponto de abertura pode ser lido nessa frase dita por um aluno: “fiquei com bastante dificuldade em selecionar o que eu diria para alguém do meu imaginário de São Paulo e Minas”. Existe alguém que de alguma forma busca em seu repertório imagético alguma imagem para ser dita ao outro. Novamente estamos diante dos possíveis desencontros e, nesse caso, incluindo a dificuldade de dizer ao outro sobre uma imagem mental de determinado lugar na superfície da Terra.

Essa operação não ocorre somente quando temos a intenção consciente de escolhermos uma imagem em nossas lembranças. Esta também é uma tarefa fundamental do trabalho inconsciente de realização dos sonhos. Para Freud essa operação ligada à representação plástica das palavras, essa realização “consiste na conversão de pensamentos em imagens visuais”. (FREUD, 2014 [1916-1917], p. 236)

Para termos alguma noção sobre a sofisticação dessa operação psíquica, Freud nos convida a acompanhá-lo em um exemplo cuja tarefa é substituímos palavras por ilustrações para elaboração de um artigo de jornal sobre política.

Os senhores serão, pois, lançados de volta da escrita alfabética para a pictórica. Pessoas e coisas mencionadas poderão facilmente, e talvez até com vantagem, ser substituídas por imagens; as dificuldades aparecerão, porém, na representação de todas as palavras abstratas e de todas aquelas partes do discurso que indicam relações de pensamento, como partículas, conjunções e que tais. No caso das palavras abstratas, os senhores recorrerão a toda sorte de artifícios. Vão, por exemplo, dar ao texto do artigo nova redação, que talvez soe mais inusitada, mas que contenha elementos mais concretos e mais aptos à representação. Depois, não de se lembrar que a maioria das palavras abstratas compõe-se de palavras concretas que perderam sua coloração, motivo pelo qual, tanto quanto possível, recorrerão ao significado concreto original dessas palavras. (FREUD, 2014 [1916-1917], p. 236-237)

Após perceberem que aquela seleção para colagem de imagens não se tratava de algo simplório, o grupo seguiu partilhando com a turma os espantos encontrados. “Fiquei impressionado como temos vivências e imagens completamente diferentes e estamos falando do mesmo estado”. Esse é um ponto importante e nos permite a questão: “estamos falando do mesmo estado”?

Esta pergunta vai ao encontro do conceito que tenho trabalhado: lugar geopsíquico. “O lugar geopsíquico é constituído e vivido na dobra topológica entre o mundo interno e o mundo externo, com as dinâmicas terrestres e as dinâmicas psíquicas.” (DIAS, 2019, p. 156). Esta concepção de lugar está voltada para o que acontece no mundo externo, no mundo interno do sujeito e nas relações que se dobram topologicamente entre externo e interno. Se existe um mundo interno do sujeito que se dobra ao externo, apesar de falarmos sobre lugares comuns no estado de São Paulo, não falamos do mesmo estado. Vamos acompanhar a experiência que uma aluna partilhou sobre aquilo que o grupo provocou com sua apresentação.

“O gente, eu tô chocada! Alberto (membro do grupo), quando fui em São Paulo... você sabe... que eu parecia uma criança. Primeira vez que andei na Avenida Paulista... eu menina de Minas Gerais, da roça... quando eu andei achei... meu Deus esse lugar é um paraíso. Era tudo colorido e as coisas brilhavam. As pessoas estavam cheias de cores. A primeira vez que fui na Praça da Sé, tinha um monte de plantas. Gente, que lugar maravilhoso!! Ai vejo essa imagem (o estado em tons de cinza)...isso me parte o coração”.

Até esse momento do texto havia optado por não inserir o mapa produzido pelo grupo para deixar sua imaginação te conduzir. Mas ao reler a participação de Laura com um testemunho que seu coração estava partido porque a imagem que o grupo apresentou era muito distante da sua vivência, reavaliei minha decisão. Vamos aos espaços grafados pelos alunos Gabriel Nery e José Alberto Batista. Optei por manter a apresentação original e não inserir outros elementos cartográficos.



POR GABRIEL NERY E JOSÉ ALBERTO BATISTA



POR GABRIEL NERY E JOSÉ ALBERTO BATISTA

“Muito injusto. São Paulo não é assim (se referindo ao trabalho do grupo). A primeira vez que subi o viaduto e olhava para meu irmão e falava que não voltava para Minas. A cidade brilhava, gente!! A noite aquelas luzes (e apontava com as mãos), sabe? Eu ficava com as mãos no vidro do ônibus e meu olho brilhava (enquanto se lembrava, seus os olhos brilhavam) e o moço me perguntou o que era e falei...é tão linda!! Ah vou chorar...”

O que seria injusto sob o ponto de vista de Laura? É possível destacarmos o desencontro entre sua experiência e as imagens apresentadas pelos colegas, ao mesmo tempo em que foi justamente isso que possibilitou que sua narrativa estivesse presente na aula. O que acontecia internamente com Laura, não sabemos e não nos cabe saber, mas algo brilhava. Algo transbordava e se estendia para o modo como as luzes da cidade eram vistas por ela. Uma forma de ver que provocou a percepção até de desconhecidos que estavam no ônibus. Como se aquele homem perguntasse: o que você vê que eu não vejo? Seria isso o que nomeia como injusto? O injusto seria não experienciamos a cidade da mesma forma? O injusto seria que a experiência que brilha não



acontece com todos? Não sabemos. Laura nos coloca que há diferença e é com isso que seguiremos.

As experiências vividas por Laura em São Paulo e durante a aula podem ser lidas pela característica do lugar geopsíquico (DIAS, 2019) como uma dobra topológica entre seu mundo interno e o mundo externo. Uma dobra através da qual o externo se dobra ao interno e o interno se dobra ao externo. Uma dobra do que Laura está vivendo internamente para o mundo externo. O viaduto foi visto, sentido e experimentado através da realidade psíquica de Laura.

Laplanche e Pontalis (1997) descrevem que o termo utilizado por Freud como “aquilo que para o sujeito assume valor de realidade no seu psiquismo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 426). Não é aleatório que um lugar seja importante para uma pessoa e para outra não. É na dobra topológica que as realidades psíquica e geográfica são vividas como uma só e, dessa forma, lugar se constitui e é vivido. Nossas experiências no presente e no passado são centrais nessa relação com os lugares, o modo como vivemos e nos lembramos está para além do que é factual. Existe algo que não definimos, conscientemente, mas que nos acompanha em nosso inconsciente, e que nos permite viver o mundo a partir de nossas experiências pela realidade psíquica. Considerar a realidade psíquica é garantir a possibilidade de refletir sobre efeitos subjetivos a partir de acontecimentos que poderiam ser considerados objetivamente sem diferenciação em suas consequências para cada pessoa e seus lugares (DIAS, 2019).

E a estudante Laura continuou sua reflexão. “Mas é engraçado como a gente tem perspectivas diferentes de lugar. Porque até quando fui passar carnaval na casa do Alberto, ele me deu uma definição. Quando cheguei em Guará tinha outra imagem. Se tiver que fazer um mapa de Guará, eu vou colocar uma coisa e ele vai colocar outra. É muito engraçado que as imagens marcam o lugar de maneira diferente.”

Os lugares geopsíquicos são constituídos por marcas impressas psiquicamente em cada um nós. Então, se fará singular nossa história pessoal, o modo como estamos no mundo, os laços que estabelecemos com as pessoas e os significantes que nos constituem. Não há garantia que por estar na casa de seu amigo, que Laura iria ver, sentir e experienciar Guará da mesma forma. E durante a aula ela percebe, que além disso, seu modo de grafar o espaço está atravessado por sua experiência no e com o lugar. Laura pôde se escutar durante a apresentação do grupo e pensar geograficamente suas lugaridades.

Outro fato interessante que ocorreu durante a apresentação do grupo também foi percebido por outros colegas: “Deu para perceber que tem várias pessoas de São Paulo nessa turma porque elas começaram a falar sobre suas imagens”. Ver o mapa de São Paulo, ouvir este nome, e se encontrar com imagens selecionadas pelo grupo de alguma forma convidou estudantes nascidos naquele estado a falarem.

Uma estudante paulistana disse: “Amei o trabalho, ficou sensacional! Achei muito interessante quando o Alberto falou da dificuldade de pensar São Paulo e colocar outros elementos, do

interior ou do litoral. Fiquei tentando fazer esse exercício também porque quando eu penso, só me vem os prédios, trânsito tipo essas imagens. Em compensação quando penso em Minas Gerais parece que é um pouco mais amplo e não penso em Belo Horizonte. Já penso nos parques, nas cachoeiras, em trilhas. Vem muito o turismo e a natureza. É muito doido porque andando de metrô na cidade (capital paulista) dá pra ver as contradições. A Laura falou do brilho na Paulista e na periferia já não tem isso. Ou uma coisa que um amigo comentou quando veio para cá (São Paulo) ele falou: “nossa! Não imaginava que aqui tinha tanto verde e árvore...(risos)”

A aula como circunstância para que a palavra possa estar presente, nos proporciona falar e ouvir sobre experiências que nos constituem, ao mesmo tempo em que colocamos nosso pensamento em movimento na produção do conhecimento geográfico. Essa aluna se colocou a falar a partir da participação de uma colega e foi tecendo com outras falas que já havia escutado em outros tempos e lugares. Junto com isso, podemos perceber como ela convida para sala de aula experiências que pareciam não ter conexão, como a ida de um amigo para São Paulo e seu espanto entre suas imagens mentais da cidade e aquilo que se deparava in loco.

Na sequência, outro integrante do grupo disse: “Não tenho vivência de São Paulo, mas escuto falar e vejo muitas coisas. Mas na hora de escolher as imagens, percebi que não tenho muito repertório sobre o interior do estado e sempre me lembrava de alguma coisa da capital.” Então, a turma seguiu com esse aspecto destacado sobre veiculação de imagens do interior e da capital.

“Fico pensando que as imagens da capital podem ser pelo nome. Porque quando a gente pensa São Paulo, pensa a cidade e não o estado. Em Minas a gente não pensa em Belo Horizonte... a gente pensa nas cidades históricas e no pão de queijo. Não me senti representada pelo mapa de São Paulo. Colocaria o litoral Norte, Campos do Jordão, o Parque Ibirapuera... não sei...estou pensando aqui.”

Nossas emoções e sentidos não são exclusivos de experiências com um único lugar, mas o que sentimos em determinado lugar é deslocado para outros lugares. Ou seja, se o que foi vivido gerou marcas e estas nos constituem, outras experiências em outros lugares também serão vividas a partir e com essas marcas. Os lugares geopsíquicos da vida de cada pessoa estão ligados em uma cadeia (DIAS, 2019). Esta característica ocorre por mecanismos psíquicos de condensação e deslocamento (FREUD, 2019 [1900]) que agrupam lugares. Algo faz um fio que alinha São Paulo-litoral Norte-Campos do Jordão-Parque Ibirapuera para aquela aluna e não para todos nós.

Se um aluno desconfiou que o desencontro se deu pelo nome, isto muito nos interessa.

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que com efeito caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal. [...] O significado não são as coisas em estado bruto, aí já dadas numa ordem aberta à significação. A significação é o discurso humano na medida em que ele remete sempre a uma outra significação. (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 142)

Ao ouvir as falas das colegas, Alberto que era membro do grupo também voltou a falar. “Enquanto ouvia as falas, fiquei pensando, aí é que está. Também não me senti tão representado

e fiquei um pouco incomodado quando vi nosso mapa. A gente não pensou em ir ao óbvio e não pesquisamos ‘pontos turísticos de São Paulo’, foi isso que veio no nosso imaginário. Eu já vi uma congada em Minas Gerais? Não, mas tenho o imaginário dessa festa. O Masp é muito São Paulo, mas o significado que tenho com essa imagem não é o mesmo de quando outras pessoas olharem.”

E outro aluno partilha seu encontro com a aula: “Fiz um exercício um pouco diferente que foi imaginar fazer essa atividade com alunos em sala. O que surgiria? E pensei como muda as imagens de pessoas que já viveram nesses estados daquelas pessoas que nunca foram.”

Então uma aluna pergunta ao grupo por que tantas imagens ligadas à polícia militar? E um dos integrantes responde que havia acabado de assistir reportagens que “ficaram em minha cabeça. Não tenho vivência de São Paulo e acho que fui bem clichê.” E o colega complementa que não tem vivência da Ponte Estaiada, mas escolheu inseri-la no mapa “porque assisto ela todos os dias no SPTV. Não porque ela é um cartão postal, mas penso em São Paulo, penso nela do fundo no jornal.”

Quando o tempo de apresentação do grupo foi finalizado, perguntei para turma o que havia acontecido com a proposta do grupo. E uma aluna prontamente responde: “foi um sucesso”. Então perguntei, o que foi esse sucesso. E ela completa: “o grupo tocou em alguma parte sensível nossa. Cada um tem uma leitura do espaço e eles pegaram isso, colocaram a deles e nos provocaram a dizer sobre as nossas.”

## **AO FINAL, A AULA NÃO TERMINOU**

Um mapa. Uma aula. Uma proposta. Uma turma. Um aceite. A partir daí o “um” se amplia em sua singularidade para aquilo que cada grupo elaborou, apresentou e nos proporcionou em sala de aula. Havia uma circunstância para que algo pudesse emergir, mas em uma aula construída em abertura e que inclui o inconsciente, o inesperado tem lugar. Quando a turma começou a falar, a riqueza do trabalho foi sendo potencializada porque foram se ouvindo e tecendo por meio de suas palavras e dos colegas. Fomos vivendo e ampliando a experiência de ser professora-ouvinte para incluir estudantes-ouvintes-falantes.

Com a forma de grafar o espaço elaborada pelo grupo e a palavra presente na aula, é possível responder a pergunta feita anteriormente nesse texto. São Paulo não é um. Ao falar, nos encontramos com os desencontros do próprio conceito de lugar pautado na experiência de cada um. Qual é a mirada de cada um? Cada um só pode dizer do ponto em que está, seja ele qual for.

Com uma abordagem ancorada na Geografia Humanista de base psicanalítica, é possível trabalhar com a possibilidade de estar implicado por aquilo que nos atravessa nas imagens. Considerando, modo de experienciar ou se deixar experienciar neste atravessamento para posteriormente poder nos interrogar (CARMO; DIAS, 2020). Isso aconteceu durante a construção do grupo

e em sua apresentação. Este foi um trabalho que pôde incluir o processo de elaboração subjetiva. A plasticidade das palavras esteve presente no modo com que cada estudante pôde se implicar e colocar algo de si na aula.

Esta turma pôde experienciar um fio vivido por uma professora-ouvinte em suas aulas e supervisões de estágio. Algo que destaca a importância de nossa formação constante e em diferentes espaços. Esse texto, bem como a atividade narrada estão estruturados em uma proposta. A proposta e convite são para que possamos escutar o olhar. Um olhar que toca, que arrebatava, um olhar tátil. Olhar o objeto que nos olha. Um olhar que invoca. Um olhar com impressão digital. Um olhar autoral e que pode grafar o espaço. Um olhar marcado por palavras que poderão ser ditas, endereçadas e escutadas por esse alguém.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002.

CARMO, Valéria Amorim do; DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **E no caminho havia uma chave: o encontro entre lugar geopsíquico e fotografia**. In: DOZENA, Alessandro (org). Geografia e Arte. Natal, Editora Caule de Papiro, 2020. p. 295-325.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, 2019. 172f.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Memória e lugar: entre a noção de indissociabilidade espaço-tempo e a reflexão sobre a experiência geográfica. **Geograficidade**, v. 8, n. 2, Inverno de 2018. p. 161-173, 2018.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. [1900] (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à Psicanálise**. [1916-1917]. (Edições Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O Inquietante**. [1919]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu**. [1920-1923]. (Edição Cia das Letras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 15). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, *Cadernos de Estágio* Vol. 3 n.2 - 2021

1988.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3, Dec. 2009.

---